

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: a crítica

Class.: NO AMAR. FERRA

Data: 24.08.85

Pg.: 101

QUESTÃO INDÍGENA

4468

Mestrinho defende as terras dos civilizados

O governador Gilberto Mestrinho, ao defender uma política indígena coerente e com a realidade amazônica, advertiu que "não vou admitir que se use o índio para tomar a terra do civilizado, para roubar os seringueiros, os castanhais e o gado, como vem acontecendo".

A advertência do governador Mestrinho foi feita durante a solenidade de encerramento do Encontro dos Empresários, na noite de quinta-feira, no Tropical Hotel de Manaus.

Mestrinho, que falou após o ministro Roberto Gusmão, da Indústria e Comércio, arrancou aplausos da platéia ao se posicionar contra "os pseudos defensores dos índios e os falsos ecologistas". "disse que 'já usei a Política Militar e voltarei usar tantas vezes seja necessária, mas aqui, a Funai e os falsos defensores dos índios, que querem defender a cultura do índio, impondo a cruz, mas que não a é a cruz de Cristo, mas a de Marx, eu não permitirei, aqui no Amazonas'".

A acrescentou estar contente com este encontro, "porque demonstra que o país está mudando, que efetivamente aquele slogan "Muda Brasil" está se consolidando na prática, iniciando a discussão, na própria região, junto com aqueles que conhecem a sua realidade, a fim de que o Ministério da Indústria e Comércio possa elaborar um plano que, efetivamente, corresponda aos anseios de cada parte do país".

Citando Getúlio Vargas quando disse que "a Amazônia deixaria de ser um simples capítulo da História de um povo para se transformar num capítulo da História da Civilização". Mestrinho lembrou, na ocasião, que "somente agora, a Amazônia está sendo descoberta, mas que ela, com cerca de 500 milhões de hectares, tem uma superfície maior que a comunidade econômica européia mas ela continua esquecida e nada de prático ainda resultou".

Após mostrar as potencialidades da região, através de um aproveitamento melhor de suas riquezas naturais como a borracha, o cacau, o guaraná e mais recentemente o dendê, Mestrinho afirmou que "as teses aqui defendidas, discutidas, terão atenção e serão consideradas". Seguindo afirmou, "os principais problemas que deverão merecer atenção do Mic, são: os transportes, a descentralização industrial do país, o fortalecimento dos pólos existentes e o melhor conceito de micro e pequena empresa para as regiões diferenciadas como a nossa".

Agradecendo a presença dos empresários que tiveram "a oportunidade de se reunir em Manaus para discutir o que é melhor para nós e para o Brasil", assinou que o governador que "a Amazônia não é uma região problema para o país, mas uma região solução para o Brasil".

Ele defendeu, uma política voltada para os interesses da região, porque, segundo ele, "já está comprovado a fantástica potencialidade mineral da região, a imensidão das várzeas amazônicas, a extraordinária riqueza florestal, o imenso espaço a ser ocupado, com várias culturas, próprias, nativas, que daqui saíram para fazer outras riquezas em outra regiões, mas que tem o seu habitat natural aqui". Além de pedir um apoio maior ao aproveitamento dessas riquezas, ele lembrou "não ser possível que a Amazônia, terra mãe da borracha, produza hoje, apenas 35 mil toneladas e somente a Malásia, que levou a semente de nossa borracha e que ali plantou, produza um milhão e setecentos mil toneladas desse produto". Ele condenou também a nova Lei de Sucos que, se aprovada, vai alijar o guaraná que "hoje tem uma potencialidade fantástica no mercado mundial", mostrando também a insuficiente produção amazônica do cacau, também natural da Amazônia.

Ao agradecer a presença do ministro, Gilberto Mestrinho disse acreditar que "está aberto um canal para que os problemas da região possam ser discutidos e as soluções, as determinações, é, sobretudo, as medidas, não devem ser tomadas sem levar em conta a realidade amazônica".

Índios denunciam invasão

Os índios Tukano, Gentil Gabriel e Américo Maranhão, líderes da região do Alto Rio Negro, juntamente com Oscar Barroso Pereira, morador daquela área, há 35 anos, onde atuou como dentista da Saúde, mais precisamente nas tribos de Iauaretê, Taracú e Pari-Cachoeira, denunciaram a existência de conflitos generalizados entre índios e brancos (garimpeiros), o que já ocasionou a morte de cinco índios Tuluca.

Os denunciantes falam que os índios foram mortos a tiro por aventureiros que, segundo eles, não são da região e se intitulam trabalhadores das mineradoras Taboca, Paranapanema, entre outras. Eles observaram que todas as tribos estarão reunidas, na tentativa de buscar soluções para a retirada dos invasores das suas terras. Nessa reunião, Oscar Barroso servirá de intérprete. O dentista argumenta que é preciso que se evite mais mortes e que, "hoje foram cinco, amanhã poderá ser 50, é preciso que se tome alguma providência".

A Associação da União da Comunidade Indígena do Rio Tioquié, enviou, ontem, ao Diretor do DNPM, José Belmont Bastos, um assunto processo sobre

os garimpeiros na área indígena de Pari-Cachoeira, no município de São Gabriel da Cachoeira, quando esperam que este tome conhecimento, junto a Funai de Brasília, sobre as recomendações e reivindicações que os índios consideram urgentes.

Os índios querem a retirada dos garimpeiros clandestinos que se encontram na Serra do Traíra. Gabriel e Américo observam que existem cerca de 1643 garimpeiros brancos, que entraram em nome das firmas Gold Mazon, Paranapanema e Taboca e que, inclusive, já existe rádio fonia, mantendo, os garimpeiros, contato diretamente com Manaus e São Paulo. "Lá, também, existe energia elétrica e tabernas vendendo cachaça e os brancos estão prostituindo as mulheres indígenas".

Os índios comentaram que, naquela área, já saiu "ouro especial" nas mãos dos garimpeiros, atingindo cerca de 300 quilos, e tudo por debaixo do pano, afirmam: "Existem dois aviões jogando provisões para os garimpeiros, de 15 em 15 dias". Eles também informaram que os brancos "enterraram" dinamites na área, no intuito de explodirem tudo, caso haja uma intervenção da Polícia Federal.

"O ouro está sendo vendido aos terroristas colombianos, antigos cocaineiros. Existe uma grande máfia dentro de nossa área".

Gentil Gabriel e Américo Maranhão, juntamente com a comunidade indígena do Alto Rio Negro estiveram conversando com os garimpeiros e, na oportunidade, lhes disseram que iriam denunciar a invasão às autoridades. Como resposta ouviram por parte dos invasores que o Governo Federal e Estadual, Funai, DNPM e outras empresas requerentes, são os maiores ladões e que, estes sim, estão explorando os índios, além de terem compromisso com o FMI.

Os líderes indígenas também ouviram que "A Polícia Federal é ladra e que o Exército Brasileiro não vale nada e que os militares só sabem dormir, além de se aproveitarem das mulheres dos índios".

A área em conflito não está demarcada, mas, sim, delimitada. Lá, só existem 76 índios trabalhando no garimpo, informam. "Os brancos não deixam o índio trabalhar e estão vendendo pedaços de terra, nem que seja apenas de um metro".